

Paredes que narram histórias: uma perspectiva da semiótica social à multimodalidade em processos expográficos de pontos de memória

Walls that tell stories: a perspective from social semiotics to multimodality in expographic processes of memory points

Wellington Pedro da Silva¹; Carmem Jená Machado Caetano²

Resumo: A análise multimodal de textos permitirá a investigação de como os modos semióticos são orquestrados em processos de produção de significados. Por meio do acesso a toda potencialidade desses modos, é possível revelar como os discursos vão se constituindo e ressignificando. Dessa forma, este estudo se debruça na análise de novas ferramentas e metodologias utilizadas no processo de elaboração de acervos expositivos de Pontos de Memórias que se propõem a narrar histórias das comunidades na qual estão inseridos. Busca-se a compreensão das relações e os caminhos por que essas novas ferramentas e metodologias dialogam com o fazer museológico a partir do lugar de grupos sociais marginalizados rompendo com os modelos de museus conforme conhecemos na atualidade, os chamados museus tradicionais. Os Pontos de Memória constroem as narrativas de suas expografias por meio da proposta da leitura das comunidades nas quais estão inseridos como textos que se colocam, em

¹ Doutorando em Linguística pela Universidade de Brasília – UnB e professor assistente do Centro Universitário de Brasília – UDF. ORCID ID: 0000-0003-3407-5935.

² Doutora em Linguística pela Universidade de Brasília – UnB e professora adjunto da Universidade de Brasília – UnB. ORCID ID: 0000-0002-8710-5168.

seu processo de significação, em diálogo direto com seu território. Com o objetivo de propor uma discussão na articulação dos modos semióticos na construção de significados multimodais em processos expográficos de Pontos de Memória e a relação com a resignificação de espaços de memórias, busca-se aporte nos pressupostos teórico-metodológicos da Semiótica Social e da Multimodalidade, conforme proposto por Hodge, Kress (1988); Kress, Van Leeuwen (1996, 2006) e Kress (2010). Propõe-se uma análise da elaboração dos significados semióticos em exposições dos Pontos de Memória Museu do Taquaril, Belo Horizonte – Minas Gerais e do Ponto de Memória Museu de Favelas – MUF, Rio de Janeiro – RJ. As análises se deram a partir das categorias analíticas da Gramática Sistemico-Funcional e da Gramática do Design Visual. Os resultados apontam que o paralelismo e a intersemiose dos modos semióticos verbais e visuais são evidenciados na reconstrução de significados na elaboração dos processos expográficos desses Pontos de Memória pautados em uma semiose social.

Palavras-chave: Semiótica Social; Multimodalidade; Meta-função; Pontos de Memória.

Abstract: *The multimodal analysis of texts will allow the investigation of how semiotic modes are orchestrated in processes of meaning production. By accessing the full potentiality of these modes, it is possible to reveal how the discourses are constituted and re-signified. Thus, this study focuses on the analysis of new tools and methodologies used in the elaboration process of exhibition collections of Memory Points that propose to tell the stories of the communities where they are located. Seeking to understand the relations and the ways that these new tools and methodologies dialogue with museological work based on the place of marginalized social groups, breaking with the museum models as we know them today, the so-called traditional museums. The Points of Memory build the narratives of their expographies through the proposed reading of the communities where they are located as texts that are placed, in their signification process, in direct dialogue with their territory. In order to propose a discussion on the articulation of semiotic modes in the construction of multimodal meanings in expographic processes of Points of Memory and the relationship with the re-signification of spaces of memories, in which they are based and supported through the theoretical and methodological assumptions of Social Semiotics and Multimodality, as proposed by Hodge, Kress (1988); Kress, Van Leeuwen (1996, 2006) and Kress (2010). It is proposed an analysis of the elaboration of semiotic meanings in exhibitions of the Taquaril Museum of Memory Points, Belo Horizonte - Minas Gerais and the Memory Point Museum of Favelas - MUF, Rio de Janeiro - RJ. The analyses were based on the analytical categories of Functional Systemic Grammar and Visual Design Grammar. The results indicate that the parallelism and intersemiosis of verbal and visual semiotic modes are evidenced in the reconstruction of meaning in the elaboration of the expographic processes of these Points of Memory based on a social semiosis.*

Key words: *Social Semiotics; Multimodality; Meta-function; Points of Memory.*

Aprendendo a ler o mundo da periferia: espaços de memórias e semioses

Em suas obras, o educador brasileiro Paulo Freire trabalha com a temática da leitura, sua importância e a compreensão crítica de um processo de alfabetização, por meio do pensar e repensar sua própria prática e vivência pessoal é que seu legado é produzido, pois para o educador a leitura da palavra sempre é precedida da leitura do mundo, uma vez que estar inserido no mundo da leitura e da escrita é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreendendo seu contexto em uma dinâmica relação entre linguagem e realidade. A leitura da palavra não será somente precedida da leitura do mundo, mas apresenta-se como um processo de “escrevê-lo” e por que não dizer “reescrevê-lo” por meio de nossas práticas discursivas.

Pensando nesse caminho de assumir o protagonismo de nossas próprias narrativas de vidas, em um processo que irá evidenciar as leituras de mundo de grupos socialmente marginalizados, é que propomos a realização deste trabalho voltando nosso olhar para as dinâmicas sociais de comunidades periféricas que tomam para si o protagonismo de narrar suas histórias por meio de museus comunitários, como os Pontos de Memória, explicitando as concepções de acervos e processos expositivos adotados no desenvolvimento das ações museais, considerando as especificações de cada Ponto de Memória, bem como o papel do público alvo no processo de ressignificação dessas narrativas/objetos expográficos de forma a colaborar para o desenvolvimento cultural, social e econômico, regional e local dessas comunidades, voltados para a promoção da cidadania e da cultura, ou como aponta Paulo Freire, a leitura do mundo precedendo a da palavra e “reescrevendo” narrativas sociais e evidenciando protagonismos locais.

O Programa Pontos de Memória foi instituído com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento de uma política pública de direito à memória, com base no Plano Nacional Setorial de Museus - PNSM e Plano Nacional de Cultura - PNC. O PNSM é o documento de planejamento global e de longo prazo voltado ao setor museológico no Brasil. O instrumento pretendeu institucionalizar políticas públicas de longo prazo, a partir do estabelecimento de objetivos e prioridades do setor. O documento é parte integrante do PNC e faz parte da

consolidação do processo de construção da Política Nacional de Museus. É neste contexto que o Programa Pontos de Memória surge no ano de 2009, inicialmente com 12 comunidades integrantes distribuídas em doze capitais das cinco regiões do território brasileiro.

O processo de aproximação do museu ao meio no qual está inserido e a relação orgânica com o contexto social vêm suscitando a necessidade de rediscutir e ressignificar conceitos, noções e processos de relações institucionais e sociais. Com a abertura da participação da comunidade local ao definir as práticas museológicas a serem adotadas, a própria noção do que é patrimônio e processos expográficos se aproxima cada vez mais da comunidade, fortalecendo relações de pertença e representações nos espaços de memória.

Essa mudança na visão do papel do museu e sua relação com os espaços nos quais estão inseridos de modo algum implica uma renúncia à importância dos museus tradicionais, pelo contrário, irá permitir um processo de evolução dessas instituições de maneira a servir a sociedade no todo, mas mais do que isso, permitirá a abertura de espaços para novas narrativas e configurações como os Pontos de Memória, que têm o território das comunidades como um museu a céu aberto e as narrativas dos moradores como acervo expográfico.

Dessa maneira, ao propormos uma discussão na articulação dos modos semióticos na construção de significados multimodais em expografias de Pontos de Memória e a relação com a ressignificação das comunidades como espaços de memórias e, assim, como museus de território, o fazemos sob a perspectiva da Semiótica Social e de uma abordagem multimodal atual que enfatiza o uso de diversos códigos semióticos para expressar significados, ao entendermos que os processos expográficos de Pontos de Memória se ocupam na significação de uma linguagem do que será exposto enquanto objeto de memória, principalmente no que diz respeito ao suporte utilizado na exposição, bem como projetam essas iniciativas na ressignificação do papel do museu na atualidade e essas comunidades como territórios de memória e museus a céu aberto.

Nos museus, temos galerias para exposições, reservas técnicas, obras de artes, roteiro de exposição, curadoria das obras, nos Pontos de Memória, temos ruas e becos, casas e muros como galerias e pessoas com suas histórias e

memórias como objetos expográficos. As comunidades de atuação de Pontos de Memória são percebidas como um museu vivo, de território. A memória dos moradores é capaz de desvelar as raízes dos troncos familiares que constituem a árvore genealógica da periferia. O papel do Ponto de Memória é evidenciar essas narrativas e transformá-las em imagens. Essas imagens não representam somente o mundo da periferia, de forma abstrata ou concreta, mas interagem com esse mundo, sejam acompanhadas de um texto escrito ou não. A realização dessas imagens constrói um tipo de texto, podendo ser um *graffiti*, uma exposição de fotos, uma pintura, entre outros, mas que são reconhecidos pela comunidade.

Pensando nisso, destacamos os Pontos de Memória Museu do Taquaril, Belo Horizonte – Minas Gerais e o Ponto de Memória Museu de Favelas – MUF, Rio de Janeiro – RJ, por meio de suas exposições nomeadas como Circuito das casas-tela, caminhos de vida no Museu de Favela, do MUF e Fios de memórias: tecendo os primeiros passos, do Ponto de Memória Museu do Taquaril. A perspectiva central de nossa análise tem sido as ferramentas e metodologias utilizadas na elaboração dos acervos dos Pontos de Memória com aporte em uma museologia social que consagra o empoderamento de novos atores sociais. Fazemo-lo por meio da abordagem da Semiótica Social, pois compreendemos que textos e imagens, em uma perspectiva multimodal, configuram a base das narrativas desenvolvidas nessas comunidades e projetadas como acervos na resignificação do território como um museu a céu aberto.

A seguir, apresentamos as construções teóricas necessárias para as análises empreendidas na elaboração dos significados semióticos em exposições dos Pontos de Memória Museu do Taquaril, Belo Horizonte – Minas Gerais e do Ponto de Memória Museu de Favelas – MUF, Rio de Janeiro – RJ.

Construtos teóricos para uma semiótica social expográfica

As paisagens semióticas dos processos expositivos de espaços de memória como uma proposta de comunicação visual passam por constantes processos de transformações ao dialogarem com o seu entorno e público-alvo. As exposições dos Pontos de Memória buscam narrar as histórias e memórias

das periferias nas quais estão inseridas, de maneira cada vez mais multimodais, com múltiplas semioses visuais, gestuais, sonoras, entre outras. Os textos apresentados como essas narrativas de memórias dos territórios são impossíveis de interpretação considerando exclusivamente a linguagem escrita.

Por meio da semiose social, será possível a análise dos signos presentes nos processos expográficos dos Pontos de Memória e as trocas de mensagens entre os atores sociais dessas comunidades que se veem representados nessas ações. Para Hodge e Kress (1988, p.261), a “semiótica social focaliza a semiose humana, compreendendo-a como um fenômeno inerentemente social em suas origens, funções, contextos e efeitos”. Para os autores, “Os significados sociais são construídos por meio de uma série de formas, textos e práticas semióticas de todos os períodos da história da sociedade humana”.

Propor uma abordagem multimodal nos processos expográficos de Pontos de Memória é desvelar essa articulação dos diferentes modos semióticos utilizados no contexto social dessas comunidades que tomam para si o papel de narradores de suas histórias, ou seja, como a comunicação dessas ações estabelece relações com os espaços de memória e ressignificam o papel dos museus compreendidos nas práticas sociais comunitárias.

As exposições dos Pontos de Memória Museu do Taquaril e Museu de Favelas – MUF atuam como uma matriz social de compartilhamentos de informações no território da periferia, mas que será realizado para além dos atores sociais periféricos, apesar de depender deles. Com isso, apontamos um caráter comunitário na realização da semiose expográfica dos Pontos de Memória, por meio do que a comunidade vive e compreende como memória e sentidos das informações partilhadas, uma vez que essa realização se dá por atores sociais que possuem bases inferenciais lógicas, fazendo dos processos de interpretação uma experiência comunitária.

De acordo com Kress & van Leeuwen (2006), a comunicação visual irá apresentar recursos para constituir e manter interações entre os participantes representados e os produtores e espectadores da imagem. Os participantes em interação são, portanto, indivíduos reais que produzem e atribuem sentido às

imagens no contexto das instituições sociais que, em diferentes graus e formas, regulam o que pode ou não ser expressado através de imagens.

Para Hodge e Kress (1988, p. 261), a semiótica é “o estudo da semiose, dos processos e efeitos da produção, reprodução e circulação de significados em todas as formas, usados por todos os tipos de agentes da comunicação”. Podemos dizer que a Semiótica Social está relacionada com a semiose humana por meio de um fenômeno social tanto em suas origens como em suas funções, contexto e efeitos. Assim, a Semiótica Social abrange “os significados socialmente construídos através de formas semióticas, textos semióticos e práticas semióticas de todos os tipos da sociedade humana em todos os períodos da história humana” (HODGE; KRESS, 1988, p. 261).

O processo de produção e recepção do signo será o ponto central da Semiótica Social, seu foco está “na forma como as pessoas usam os recursos semióticos para produzirem artefatos comunicativos e eventos para interpretá-los – que é uma forma de produção semiótica – no contexto de situações sociais e práticas específicas” (VAN LEEUWEN, 2005, p. XI). Nesse sentido, o trabalho desenvolvido pelos Pontos de Memória ao elaborarem exposições nos territórios das comunidades, utilizando como suporte o que o próprio território tem a oferecer e reconhecido mais facilmente por seus moradores como possibilidades de representações de suas narrativas, caminha para a ressignificação de uma narrativa dos museus como espaços de memória responsáveis pela salvaguarda da memória e da história da sociedade.

Os Pontos de Memória Museu de Favelas – MUF e Museu do Taquaril trabalham com processos de escolhas das narrativas que serão evidenciadas e qual o suporte que mais irá se aproximar da realidade local no processo de constituição do território da comunidade como espaço de memória, ou como um museu a céu aberto. Entendemos como suporte expográfico diferentes estruturas utilizadas na elaboração de uma exposição e que buscam evidenciar um objeto carregado de significações para determinados grupos sociais. Esse processo de escolha é fundamental, uma vez que “os interesses de quem produz um signo levam a uma relação motivada entre significante e significado e,

portanto, a signos motivadores” (KRESS; LEITE-GARCIA; VAN LEEUWEN, 2001, p. 375).

Se por um lado é necessário acessar diversos modos semióticos nos processos de leitura das exposições dos Pontos de Memória e as relações entre comunidade e atores sociais, por outro, também será necessário dialogar com diversos construtos teóricos para evidenciar essa ressignificação do território como espaço de memória e como um grande museu a céu aberto. Apontamos os trabalhos desenvolvidos por Kress & van Leeuwen (1996, 2006) no processo de mapeamento dos recursos semióticos das artes e imagens visuais. Seguindo o mesmo caminho, pesquisas apresentam os modos semióticos das cores (KRESS & VAN LEEUWEN, 2002), dos gestos e movimentos (KRESS et al., 2001, 2004), da tipografia (VAN LEEUWEN, 2006), voz e música (VAN LEEUWEN, 1999), dentre outros.

Por meio da Gramática do Design Visual (GDV), são acessados inventários das estruturas composicionais que têm se transformado em grande suporte na Semiótica Social do visual, investigando como tais estruturas são utilizadas por atores sociais que desempenham papéis de produtores de imagens em processos de produção de significados.

Foi com base nos trabalhos desenvolvidos pela Gramática Sistêmico-Funcional (GSF), proposta por Halliday (1985, 1994, 2004), que Kress e van Leeuwen (1996, 2001) elaboraram pressupostos para a análise de imagens, denominados de Gramática do Design Visual. Tanto a Semiótica Social quanto a abordagem da Multimodalidade baseiam-se na GSF para fundamentação de suas análises. A análise de imagens utilizando os aspectos da GSF, proposta por Kress e van Leeuwen, está em relacionar a noção teórica de metafunção de Halliday com a análise de imagens, o que se distancia de uma verificação das estruturas linguísticas e seus correspondentes nas estruturas visuais. Kress e van Leeuwen (2001, p. 76) entendem que esses dois meios “não são simplesmente alternativas de representação da mesma coisa”, uma vez que, para isso, cada um terá seus códigos e regras próprios.

Para Kress e van Leeuwen, a coerência entre imagens e composição social irá ocorrer por diferentes maneiras, não cabendo somente à língua, a

realização de representações da realidade social permitirá a efetivação da realidade semiótica. O próprio Halliday (1985, p. 101) apresenta um conceito de gramática análogo às abordagens da GSF e GDV ao apontar que “Gramática vai além de regras formais de correção. Ela é um meio de representar padrões da experiência. Ela possibilita aos seres humanos construir uma imagem mental da realidade, a fim de dar sentido às experiências que acontecem ao seu redor e dentro deles”.

Kress e van Leeuwen (2001) utilizam termos da GSF, propostos inicialmente para a análise da linguagem, para realizarem análises de imagens baseadas nos aportes de Halliday (1985, 1994). Assim, para as análises que propomos, consideramos que a metafunção interpessoal diz respeito aos processos de interação dos significados considerando as exposições dos Pontos de Memória como um ato semiótico. Passemos para as análises propostas considerando os aspectos teóricos fundamentais a esse trabalho.

Paredes que narram histórias: compreendendo processos expográficos de Pontos de Memória

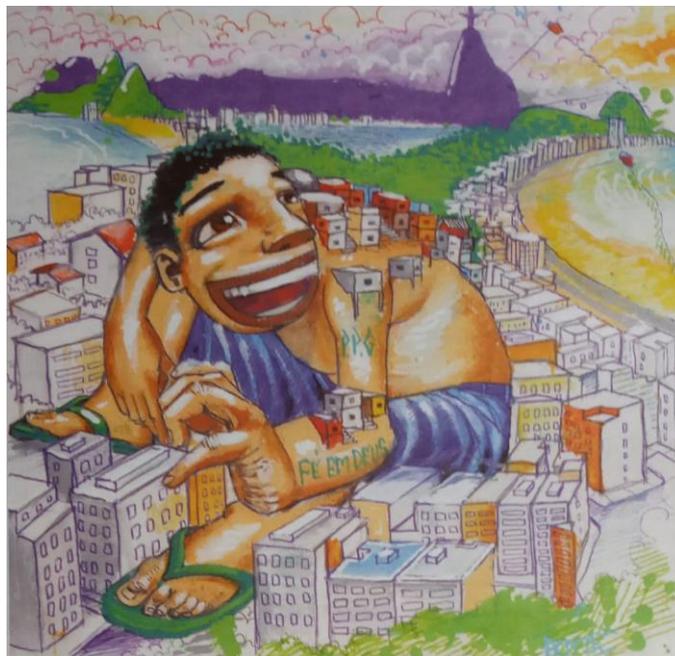
Circuito das Casas-tela: caminhos de vida no Museu de Favela foi o nome escolhido pelo Ponto de Memória Museu de Favelas – MUF, localizado na cidade do Rio de Janeiro – RJ, para os roteiros e percursos de visitação do museu que se estendem pelos territórios das comunidades do Pavão, Pavãozinho e Cantagalo sendo a primeira galeria de visitação do território do Museu de Favela. Posteriormente, é o mesmo nome dado ao livro que registra todo o processo de criação do percurso composto por pinturas em *graffiti* nas casas dos moradores dessas comunidades e que narram histórias diversas do cotidiano da periferia como acervo do Ponto de Memória.

Por acervo o MUF compreende “as famílias da favela, suas memórias, seus modos de vida e de luta por cidadania, seus fazeres e saberes (arte, habilidades, serviç os, produtos), o conjunto construído e sua arquitetura t pica de favela de encosta, as árvores, a mata, o morro, o território integral...” (PINTO, SILVA, LOUREIRO, p. 53). O Circuito das Casas-tela é “o primeiro caminho planejado de obras de arte e memórias do Museu de Favela: um caminho de

2050 passos, desde a escadaria da 200, no Cantagalo, até o beco do Amor Perfeito, no Pavão” (PINTO, SILVA, LOUREIRO, p. 59).

Dentro do material que compõe o livro, escolhemos uma imagem para o desenvolvimento das discussões na articulação dos modos semióticos na construção de significados multimodais no processo expográfico do MUF. A imagem, presente na página 29 do livro, apresenta o morro de atuação do Ponto de Memória representado por um jovem negro entre o que seriam os bairros de Ipanema e Copacabana, mesma localização dos territórios do Pavão, Pavãozinho e Cantagalo, conforme apresentadas a seguir (Fig. 1):

Figura 1. Representação do território do Museu da Favela.



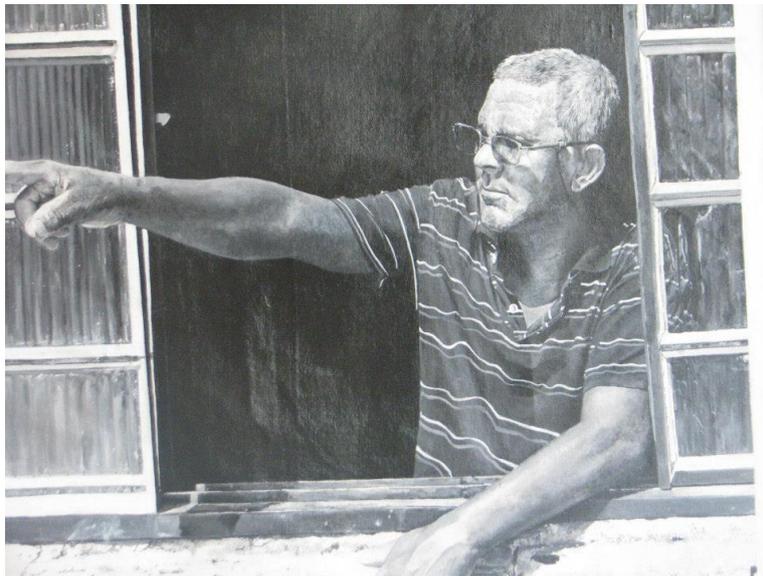
Fonte: Circuito das casas-tela: caminhos de vida no Museu de Favela, 2012, p. 29.

A exposição “Fios de memórias: tecendo os primeiros passos” foi o primeiro trabalho do Ponto de Memória Museu do Taquaril, localizado na região Leste da cidade de Belo Horizonte – MG, e apresentado no ano de 2010 com o intuito de divulgar as ações do Ponto de Memória. A proposta da exposição consistiu em reunir narrativas dos moradores locais que versassem de diversos temas relacionados ao processo inicial de organização e constituição do Taquaril. Para apresentar o papel do Ponto de Memória e a relação com a resignificação de espaço de memórias na periferia em uma perspectiva da

semiose social, selecionamos uma instalação que compõem a exposição e representada pela imagem mais abaixo (Fig. 2).

A imagem faz parte de uma sequência de pinturas de moradores locais e suas narrativas orais de vida. Cada pintura foi transformada em um estandarte que ficava em exposição no espaço de referência do museu ou era levada em cortejo pelas ruas da comunidade nas ações do Ponto de Memória. Conforme apresentada a seguir:

Figura 2. Geraldo, morador da comunidade do Taquaril.



Fonte: Acervo Ponto de Memória Museu do Taquaril – Pintura em Tela – Elton Hipólito – Foto: Wellington Pedro.

A imagem do morador da comunidade do Taquaril foi acompanhada por um texto/poema na abertura da exposição. O poema foi escrito pelo consultor local do Ponto de Memória e responsável por pensar o projeto expográfico da exposição. Abaixo, reproduzimos o texto/poema por entendermos que são acessados diversos processos multimodais na construção de sentidos e na representação da imagem como um objeto expográfico: “Da janela - Da janela, a poesia vive / As pessoas andam nas ruas / A criança no colo da mãe chora / O menino sonha com o amanhã / É tudo uma cadência: / andar, chorar, sonhar / Da janela, o mundo vive / Paisagem, miragem, esmeril / O telefone toca / -Alô! Desculpe, foi engano / Da janela eu vejo a poesia eu vejo o mundo / Tudo o que eu toco / Não se transforma em ouro, / prata, música, mas tudo me toca / Da janela o Taquaril me observa / Da janela eu sou observado por ele (Wellington Pedro – Consultor local).

Os significados expressos nos processos expográficos dos Pontos de Memória e a relação que estabelecem com o território, ressignificando a compreensão de espaços de memória, se dão ao escolherem diferentes classes de palavras e estruturas semânticas. Os processos de comunicação visual apresentados nas instalações das exposições dos Pontos de Memória também expressam significados por meio do uso de cores ou diferentes estruturas de composição (KRESS E VAN LEEUWEN, 2001).

Kress e van Leeuwen (2001) realizam seus significados por meio das mesmas funções apresentadas por Halliday ao fazerem uso de uma organização metafuncional. Os autores chamam de função representacional o que seria a função ideacional na linguagem, conforme apresentado por Halliday (1994, 2001), a mesma se dá no sistema da transitividade. Será responsável pelas estruturas que constroem visualmente tanto os eventos, como os objetos, participantes envolvidos e suas circunstâncias de realização. No caso da função interpessoal (HALLIDAY, 1994, 2004), Kress e van Leeuwen (2001) chamam de função interativa, responsável pelos recursos visuais que irão construir relações dos atores sociais por meio de quem vê e o que será visto. A terceira função proposta por Halliday será realizada na função composicional, referente aos significados que são acessados por meio da ênfase nos elementos das imagens.

Para analisar as ferramentas metodológicas na elaboração das exposições dos Pontos de Memória MUF e Taquaril como textos multimodais e modos semióticos usados na reconfiguração dos espaços de memória, lançamos mão das dimensões da metafunção interpessoal, que diz respeito à interação. Para as análises, abordaremos: a) os participantes representados e interactantes; b) enquadramentos; c) perspectiva, ângulo e ponto de vista e; d) tipografia e cores.

O morro é um jovem negro olhando para o horizonte

Pensamos no nome para esta seção por toda construção apresentada na imagem do MUF, os morros do Pavão, Pavãozinho e Cantagalo representados por um jovem negro, sorrindo e projetando seu olhar para o alto. A periferia brasileira é formada, em sua maioria, pela população negra. Tratar das configurações da memória nesses territórios é falar de uma memória geralmente negligenciada pelo poder público e sem visibilidade em espaços que deveriam salvaguardá-las.

Dados do Atlas da violência, de 2019, desenvolvido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA, apontam que, no ano de 2017, 75,5% das vítimas de homicídios foram indivíduos negros, “sendo que a taxa de homicídios por 100 mil negros foi de 43,1, ao passo que a taxa de não negros (brancos, amarelos e indígenas) foi de 16,0” (ATLAS DA VIOLÊNCIA 2019, p. 49). O estudo conclui que “fica evidente a necessidade de que políticas públicas de segurança e garantia de direitos devam, necessariamente, levar em conta tais diversidades, para que possam melhor focalizar seu público-alvo, de forma a promover mais segurança aos grupos mais vulneráveis” (ATLAS DA VIOLÊNCIA 2019, p.51).

Ao apresentar o morro como um jovem negro sustentando as casas dos moradores nas costas e nos braços, espremido em meio aos prédios de dois bairros nobres da cidade do Rio de Janeiro: Ipanema e Copacabana, o Ponto de Memória Museu de Favelas demarca a formação do território periférico historicamente configurado pela falta da garantia de direitos básicos, mas ao mesmo tempo que esses elementos de denúncia e resistência são apresentados, o papel do jovem morro é mostrar que a vida na periferia pulsa com a vitalidade juvenil e projeta seu olhar para o futuro em meio aos sonhos dos moradores locais.

O morro humanizado na figura do jovem negro olha para o alto, na direção de pipas voando. Kress e van Leeuwen (2001, p. 64) apontam que o processo Reacional é realizado por meio do vetor “formado por uma linha de olhar, pela direção do olhar fixo de um ou mais participantes”. O morro é o participante representado, embora não olhe diretamente para o espectador, ele direciona o

olhar e o convida para juntos projetarem o futuro. O contato é estabelecido, mesmo que em um nível imaginário. A imagem não nos diz quem é o outro participante, o Fenômeno, por essa razão é um processo não transacional, uma vez que ignora quem ou o que seria o segundo participante do processo. A imagem sugere que o morro esteja projetando o seu olhar para o alto, mas não temos como dizer o que exatamente ele está olhando.

No entanto, um vetor imaginário é configurado entre a linha do olhar do jovem morro negro e o seu espectador, que, ao olhar para o alto, sugere uma construção de uma relação de pertença entre os moradores da periferia, já que o morador da periferia é abordado direta e explicitamente ao se reconhecer na imagem do morro humanizado na forma de um jovem negro, uma realidade vivenciada pelos participantes representados. Reforçamos que, para leitura das semioses sociais presentes nos processos expográficos dos Pontos de Memória e na descrição da forma pela qual os atores sociais, as coisas e o lugares são combinados em uma totalidade constitutiva de sentido sendo necessário compreender também as questões hegemônicas ou contra hegemônicas presentes, principalmente ao projetarem o território da periferia como um espaço de memória em destaque.

A distância social entre os participantes interativos e os participantes representados é maior, uma vez que o jovem negro morro é figurado em um plano aberto mostrado de corpo inteiro, sendo possível visualizar também o restante do cenário da cidade do Rio de Janeiro. Ao mesmo tempo que sugere um distanciamento social entre os participantes interativos e os representados, a aproximação se dá de maneira diferente quando vista por um morador do território de atuação do Ponto de Memória Museu de Favelas, por ver representada sua luta e a imagem do morro, das praias e dos prédios ser uma paisagem constante.

A dimensão da perspectiva irá abordar o ângulo ou ponto de vista a partir do qual os participantes representados são retratados e poderão realizar atitudes que são mais ou menos subjetivas, relacionado à apresentação dos participantes representados. O MUF representa o território das comunidades de forma subjetiva a partir do seu ponto de vista que, de certa forma, será imposto aos

participantes representados e interativos. A respeito das atitudes subjetivas Kress e van Leeuwen (2001, p. 135) consideram que “devem ser entendidas como atitudes socialmente determinadas, e não como atitudes individuais ou únicas”. O morro é um jovem, mas se agiganta em meios aos prédios de Ipanema e Copacabana, o que estabelece uma relação de envolvimento com o espectador, mas ao mesmo tempo demarca os processos de resistência da periferia que mesmo sendo espremida entre os prédios consegue ser maior no que sustenta as casas e as vidas locais, a cidade do Rio de Janeiro parece pequena em relação ao morro que triunfa diante do espectador.

Kress e van Leeuwen (2001) consideram que as imagens não somente realizam interações entre os elementos que as compõem, mas também estabelecem processos entre quem as vê e quem as produz. Os recursos que são utilizados não estarão limitados a retratarem os participantes e as relações estabelecidas entre si, mas irão possibilitar uma relação entre o produtor da imagem e o observador.

As cores exercem um papel comunicativo na representação das ideias, atitudes e no estabelecimento de coerências como fontes semióticas e multimodais. Assim, as configurações de cores utilizadas na imagem atuam na construção do morro humanizado como foco de destaque. O jovem negro aparece em destaque de cores e com iluminações entre todo o seu corpo, contrapondo os edifícios foscos e sem muitas cores expressivas, o maior destaque está para o morro e não para os bairros que inspiraram até letras de músicas do gênero musical da Bossa Nova, como *Garota de Ipanema*, de Antônio Carlos Jobim e Vinícius de Moraes.

O Cristo Redentor, símbolo turístico da cidade do Rio de Janeiro, considerado pela UNESCO como Patrimônio da Humanidade e eleito em 2006 como uma das Sete Maravilhas do Mundo Moderno, aparece ao fundo sem muito destaque, com a cor lilás como se fosse um sombreamento. O verde da natureza é outra cor em destaque na imagem e pode ser vista também nos cabelos do jovem como a “mata de topo do morro: memórias da natureza antes da favela, memórias da ecologia praticada na favela, há tantas lajes plantadas, tantas

mestras raizeiras com plantas medicinais, espirituais, de cheiro, tanta saudade dos pés de fruta” (PINTO, SILVA, LOUREIRO, p. 46).

Paisagens na janela

Paisagens na janela é o nome que mais nos pareceu apropriado para a seção que irá abordar os processos semióticos na expografia do Ponto de Memória Museu do Taquaril, uma expografia que projeta as narrativas de seus moradores como objeto memorável, construído, reconstruído, significado e ressignificado no cotidiano da periferia. Essas narrativas compõem episódios vivenciados pelos atores sociais da comunidade de forma anônima, uma história dentre tantas outras, que falam de ações cotidianas que se configuram como elementos no processo de representação e projeção da periferia como território de memória.

Evidenciar as narrativas dos atores sociais das comunidades de atuação dos Pontos de Memória é dar, a quem é de direito, a palavra que irá narrar a possibilidade de projeção no futuro desses atores e comunidades, ou seja, a maneira como esses atores são representados e como inscrevem suas memórias como objeto de valor memorável a ponto de compor uma exposição de um museu, por meio de processos de ressignificação dos direitos e papéis sociais a partir das suas narrativas.

Nesse sentido, as narrativas orais irão atuar como elemento constitutivo dessas ações cotidianas e serão responsáveis por darem voz às camadas da população que estão à margem do processo de construção da história oficial. O Ponto de Memória, ao elaborar sua expografia voltada para essas narrativas, busca ressignificar a periferia como um território de memória e o papel desses espaços nos processos de representações sociais, históricas e na discussão da relação dos museus com o entorno ao qual está inserido. Por isso, as “paisagens na janela” com as múltiplas semioses acessadas na construção da representação dessas narrativas periféricas como objeto expográfico do Ponto de Memória Museu do Taquaril são um convite para que possamos conhecer essas diversas possibilidades de representações presentes nas ações

cotidianas da periferia e seus atores sociais por meio do texto e da pintura, o morador, da janela, observa sua comunidade, mas também é observado por ela.

A imagem apresenta um participante que não olha diretamente para o seu observador, mas que, assim como na do MUF, direciona seu olhar para o que seria um outro participante representado, mas que não aparece. Assim, não é estabelecido um vínculo direto com o observador. No entanto, o poema que a acompanha descreve a própria comunidade como participante que desenvolve papéis passivos ao ser observada, mas também papéis ativos ao observar, como descritos nos versos “Da janela eu vejo a poesia eu vejo o mundo” e “Da janela o Taquaril me observa / Da janela eu sou observado por ele”.

O olhar para o horizonte junta-se ao gesto de apontar para exigir atenção do observador, o que faz com que o participante representado na imagem force o observador a estabelecer um tipo de relação imaginária com ele e com o texto/poesia que o acompanha. O tipo da relação estabelecida irá depender de diversos fatores que são acionados, a saber: a expressão facial e o próprio gesto de apontar do participante representado, mas também a relação de representação com o território por parte do observador que, sendo morador da comunidade do Taquaril, irá se identificar com o cotidiano narrado. Mas ganha também outras dimensões de representatividade, pois ao falar do Taquaril como um território específico, o que confere particularidade ao objeto expográfico, fala das diversas relações de atores com seus territórios.

O participante representado é morador do Taquaril e fala desse espaço, mas poderia ser morador de qualquer outro território e falar dos diversos cotidianos que vivenciamos. Por isso, quando o Ponto de Memória Museu do Taquaril desvela narrativas cotidianas como objetos expográficos, projeta sua comunidade, mas também fala de histórias comuns, de pessoas comuns que se reconhecem nessas narrativas. Assim, o projeto expográfico de um Ponto de Memória irá desempenhar o mesmo papel que um museu ao construir narrativas históricas de representação social, a diferença estará nos objetos e memórias representadas.

O participante representante da imagem é mostrado mais próximo do observador, por meio do enquadre da imagem, o que irá sugerir diferentes

relações entre o participante representado e o interativo. Para Kress e van Leeuwen (2001, p. 130) “relações sociais são determinadas pela distância que as pessoas mantêm entre si” e serão realizadas dependendo dessa distância. Quanto mais distante o participante representado se coloca do observador, mais distante será a relação pessoal estabelecida, no caso da imagem do Ponto de Memória Museu do Taquaril a imagem busca estabelecer uma relação de proximidade para que o participante observador possa vivenciar as mesmas relações nas interações do dia a dia da periferia em busca de uma aproximação social posicionada na relação do território como espaço de memória.

Kress e van Leeuwen (2001, p. 134) apontam que o processo de elaboração de uma imagem não irá envolver somente os processos de escolhas entre demanda e oferta e os processos de escolha do tamanho do enquadre, “mas também a seleção do ângulo, ou seja, do ponto de vista, e isso implica na possibilidade de expressar subjetivamente atitudes em relação ao participante representado, seja ele humano ou não”. Mesmo que sejam escolhas subjetivas, não se configuram como individuais, assim como a imagem do jovem morro negro apresenta as escolhas do grupo envolvido no Ponto de Memória do Museu de Favelas, a imagem do Ponto de Memória Museu do Taquaril apresenta os mesmos traços contra hegemônicos de um grupo específico que busca projetar a periferia como território de memória e as narrativas locais como objetos desse território. O enquadre é pensado para estabelecer essa relação de observador da comunidade por meio da janela como nos versos a seguir: “Da janela, a poesia vive / As pessoas andam nas ruas / A criança no colo da mãe chora / O menino sonha com o amanhã”.

Os moradores da comunidade do Taquaril participaram de um projeto de narrativas orais de vida, no qual narravam suas histórias e estabeleciam relações com a comunidade. Ao final, era feita uma fotografia colorida que depois virava uma pintura em tela e tinta óleo nas cores em escalas de preto e branco. O preto e o branco foram escolhidos pelo fato de a exposição “Fios de memória: tecendo os primeiros passos” narrar as histórias dos primeiros moradores da comunidade do Taquaril. Essa escolha conferiu aos painéis dos moradores a ideia de fotografias antigas, ao mesmo tempo que dava um aspecto artístico ao

transporem essas imagens em pinturas. A instalação ficava exposta na sede de referência do Ponto de Memória ou era levada em cortejos no formato de estandartes pelas ruas da comunidade nas ações do Ponto de Memória como uma memória itinerante e do território local ao dar visibilidade a essas histórias e atores sociais.

Os caminhos que chegamos: algumas considerações

Os resultados alcançados com a análise multimodal das novas ferramentas e metodologias utilizadas no processo de elaboração de acervos expositivos dos Pontos de Memória Museu de Favela e Museu do Taquaril apontam que o paralelismo e a intersemiose dos modos semióticos verbais e visuais são evidenciados na reconstrução de significados na elaboração dos processos desses Pontos de Memória, pautados em uma semiose social. Quando falamos em novas ferramentas, a inovação está na relação do espaço com o objeto a ser exposto, os Pontos de Memória aproveitam o território da periferia como uma grande galeria de arte a céu aberto e as ações do cotidiano são evidenciadas como objetos expográfico, tornando urgente a discussão entre instituições museológicas e suas relações com o território no qual estão inseridos e seus os atores sociais.

As possibilidades analíticas são diversas, apresentamos apenas um recorte em uma imagem de cada Ponto de Memória, mas que permitiram o acesso a toda potencialidade dos modos semióticos apresentados no intuito de revelar como os discursos vão se constituindo e ressignificando no processo de significação da periferia como território de memória. Evidenciamos como essas “novas” maneiras de pensar objetos e espaços de memória dialogam com o fazer museológico a partir do lugar de grupos sociais marginalizados, buscando estabelecer uma ruptura com os moldes de espaços elitizados de salvaguarda de memórias igualmente elitizadas.

Os Pontos de Memória MUF e Taquaril desenvolveram as narrativas de suas exposições propondo uma leitura do território periférico e das narrativas dos moradores como textos que são significados em diálogo direto com esses dois elementos. Os pressupostos teóricos-metodológicos da Semiótica Social e

da Multimodalidade serviram de aporte para a compreensão dos significados multimodais acionados.

Dentre “os caminhos que chegamos: algumas considerações”, apontamos que nas exposições dos Pontos de Memória são evidenciados e questionados processos ideológicos e relações de poder, e que essas comunidades, por meio dos Pontos de Memória, reclamam para si o papel de produtores e interpretantes das suas narrativas ao mesmo tempo que conferem a elas *status* de objetos expográficos. Assim, os suportes usados nos processos das exposições dos Pontos de Memória na reconfiguração do território da periferia são o próprio espaço percebido como “PAREDES QUE NARRAM HISTÓRIAS”.

Referências

FUZER, Cristiane; CABRAL Sara Regina Scotta. *Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa*. Campinas: Mercado de Letras, 2014.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold, [1985], [1994], 2004.

HODGE, Robert e GUNTHER, Kress. *Social Semiotics*. Cambridge, Grã-Bretanha. Polity Press, 1988.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. *Atlas da violência 2019*. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/12/atlas-2019>. Acesso em: 22 de abril de 2020.

KRESS, Gunther and Theo van Leeuwen. *Multimodal Discourse: The modes and media of contemporary communication*. London: Arnold, 2001.

KRESS, Gunther and Theo van Leeuwen. *Reading Images: the grammar of visual design*. London & New York: Routledge, [1996], 2006.

KRESS, Gunther. *Multimodality: a social semiotic approach to communication*. London & New York: Routledge, 2010.

KRESS, G. R.; LEITE-GARCIA, R.; VAN LEEUWEN, T. Discourse semiotics.
In: VAN DIJK, T. *Discourse as structure and process*. London; Thousand Oaks;
New Delhi: Sage Publications, 2001.

PINTO, Rita de Cássia S.; SILVA, Carlos Esquivel G. da; LOUREIRO, Kátia A.
S. (Org) *Circuito das Casas-Tela: caminhos de vida no Museu de Favela*. Rio
de Janeiro: Museu de Favela, 2012.

SANTOS, Milton. *O país distorcido: o Brasil, a globalização e a cidadania*.
Organização, apresentação e notas de Wagner Costa Ribeiro. São Paulo:
Publifolha, 2002.

VAN LEEUWEN, Theo. *Introducing Social Semiotics*. London & New York:
Routledge, 2005.

VAN LEEUWEN, Theo. *Speech, Music, Sound*. London: Macmillan, 1999.